

**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM NUTRIÇÃO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

BRUNO MENEZES JORDÃO

**O USO DE LINGUAGEM RELIGIOSA NA PRESCRIÇÃO DIETÉTICA POR
NUTRICIONISTAS**

VOLTA REDONDA - RJ

2020

**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM NUTRIÇÃO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**O USO DE LINGUAGEM RELIGIOSA NA PRESCRIÇÃO DIETÉTICA POR
NUTRICIONISTAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Nutrição do UniFOA, como requisito à obtenção do título de Bacharel em Nutrição.

Acadêmico: Bruno Menezes Jordão

Orientador: Prof. Dr. Alden dos Santos Neves

VOLTA REDONDA - RJ

2020

FICHA CATALOGRÁFICA

Bibliotecária: Alice Tacão Wagner - CRB 7/RJ 4316

J82u Jordão, Bruno Menezes

O uso de linguagem religiosa na prescrição dietética por nutricionistas. /
Bruno Menezes Jordão. – Volta Redonda: UniFOA, 2020.

33 p. II.

Orientador (a): Prof. Dr. Alden dos Santos Neves

Coorientador (a): Prof. Dr. André Luís de Oliveira Mendonça

Monografia (TCC) – UniFOA / Curso de Nutrição, 2020.

1. Nutrição - TCC. 2. Biopolítica. 3. Nutricionismo. I. Neves, Alden dos Santos. II. Mendonça, André Luís de Oliveira. III. Centro Universitário de Volta Redonda. IV. Título.

CDD 613

FOLHA DE APROVAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso intitulado:

O USO DE LINGUAGEM RELIGIOSA NA PRESCRIÇÃO DIETÉTICA POR NUTRICIONISTAS

Elaborado por Bruno Menezes Jordão, apresentado publicamente perante a Banca Avaliadora, como parte dos requisitos para conclusão do Curso de Nutrição.

Aprovada em xx de Novembro de 2020

Banca Avaliadora:

.....
Professor Orientador

Alden dos Santos Neves, Doutor, Centro Universitário de Volta Redonda

.....
Professor Avaliador

Nome, Título, Centro Universitário de Volta Redonda

.....
Professor Avaliador

Nome, Título, Centro Universitário de Volta Redonda

Dedico este trabalho àqueles que amam o arado, que rasga a terra, mas lhe possibilita o crescimento da Vida. *Humus, humilis, humillimus*, Humilde.

AGRADECIMENTOS

Agradeço Àquele que não existe, mas que é, que era e que vem. Agradeço ao nome do Sem Nome, do Inominável, o qual não tem pares para que necessite de nome para se distinguir. Agradeço ao Verbo divino, que era desde o princípio, se fez carne, e habitou entre nós. Ao Sopro da Vida, o qual renova todos os dias a face da terra. Agradeço à família a qual coloco o título Deus, cujo relacionamento se dá em Amor. Agradeço aos meus familiares, por todo estímulo e suporte. Agradeço à Luana, minha namorada, por todo apoio e ajuda na organização das tarefas. Agradeço a todos os meus amigos, de certo há coisas que encontrei neles, presente neste trabalho. Agradeço ao Alden, meu amigo e orientador, por se ofertar completamente, desde sempre, orientando mais do que uma pesquisa, mas sim um pesquisador, fazendo-se até como ponte, para que eu pudesse acessar realidades antes impensáveis para mim. Um exemplo desta ponte viva a qual o Alden se faz, foi o contato com o André, que veio a ser meu coorientador, o qual agradeço verdadeiramente pois enriqueceu sobremodo este trabalho, oferecendo carne, e carne densa, para o esqueleto que tínhamos. Agradeço também a todos os meus orientadores informais, ou seja, todos que deram opiniões críticas a fim de solidificar este trabalho. Esta não é uma lista exaustiva de agradecimentos, mas sim uma lista simbólica, pois se fosse exaustiva, seria como contar as misericórdias do Senhor, que excedem os grãos de areia, contaria, contaria, sem jamais chegar ao fim.

“Para os sábios do passado, o problema fundamental era conformar a alma à realidade, e sua resposta para isso foi o conhecimento, autodisciplina e virtude. Para a bruxaria e ciências aplicadas (modernidade), o problema é como subjugar a realidade aos desejos dos homens, e a solução encontrada foi uma técnica; e ambas, ao praticarem essa técnica, se põem a fazer coisas até então consideradas repulsivas e impiedosas”.

C.S. Lewis

RESUMO

Este trabalho teve por objetivo propor como questão norteadora que a linguagem utilizada por nutricionistas em sua prática clínica para se referirem à prescrição dietética, sobretudo quando se trata de emagrecimento, é carregada por uma lógica semelhante a das encontradas nas religiões, nas quais se encontram a lógica de relacionamento com seres superiores e/ou anteriores (personificados ou não) por meio de atribuições, recompensas e castigos. Este estudo foi um ensaio teórico. A abordagem da dieta, feita por nutricionistas, que a assemelha a uma via de disciplina, isto é, negação dos prazeres, mortificação dos desejos e auto-controle, em busca de uma suposta redenção pessoal, promoção ontológica, acesso a uma nova vida, caráter de cunho subjetivo que a nutrição supostamente oferece, é semelhante à lógica de operacionalização do divino encontrada em religiões, e o nutricionista cumpre o papel de sacerdote neste processo.

ABSTRACT

This work aimed to propose as a guiding question that the language used by nutritionists in their clinical practice to refer to dietary prescription, especially when it comes to weight loss, is carried by a logic similar to that found in religions, in which the logic of relationship with superior and/or previous being (personified or not) through attributions, rewards and punishments. This study was carried out through a theoretical-conceptual literature review. The dietary approach, carried out by nutritionists, which resembles a path of discipline, that is, denial of pleasures, mortification of desires and self-control, in search of a supposed personal redemption, ontological promotion, access to a new life, subjective character that nutrition supposedly offers, is similar to the logic of operationalization of the divine found in religions, and the nutritionist fulfills the role of priest in this process.

Palavras-chave: Biopolítica, Nutricionismo, Nutrição.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 – NUTRIÇÃO COMO ESPERANÇA REDENTORA: O CARATER SALVÍFICO EMPREGADO AOS ALIMENTOS E NUTRIENTES.....	10
Introdução ao capítulo.....	10
A hegemonia biologicista: Interesses eugemônicos como o solo para os alicerces da Nutrição no Brasil.....	10
CAPÍTULO 2 - CIÊNCIA INFLUENCIADORA OU INFLUENCIADA? A SUPREMACIA DA VERTENTE BIOLOGICISTA DA NUTRIÇÃO	14
Introdução ao capítulo.....	14
Concepções sobre alimentação.....	14
Processo Histórico da Dietética.....	17
CAPÍTULO 3 - LÓGICA PRÓPRIA DA RELIGIÃO COMO LINGUAGEM DA NUTRIÇÃO	22
Introdução ao capítulo.....	22
Atribuições, Recompensas e Castigos: A Lógica Religiosa e suas Linguagens	22
O papel dos Nutricionistas.....	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERENCIAS.....	31

CAPÍTULO 1 – NUTRIÇÃO COMO ESPERANÇA REDENTORA: O CARATER SALVÍFICO EMPREGADO AOS ALIMENTOS E NUTRIENTES

Introdução ao capítulo

Este capítulo teve por objetivo oferecer uma visão panorâmica do momento histórico/cultural em vigência no Brasil, no período o qual a ciência da Nutrição se consolidou neste país. Tecendo o desenrolar deste processo, foi-se buscando suas vertentes de atuação, assim como as fontes das quais estas vertentes se embebedaram e se desenvolveram. Deste modo, foi-se apresentado o caminho pelo qual a ciência da Nutrição percorreu, dada as pressões sociais que confluíram para que o caminho tivesse sido como foi. Possibilitando a percepção de que o momento histórico no qual este processo se deflagrou foi de fundamental importância para os rumos que tal ciência tomou em solo brasileiro, nos permitindo observar o movimento de influência dos valores sociais sobre a ciência, em especial a Nutrição.

A hegemonia biologicista: Interesses eugênicos como o solo para os alicerces da Nutrição no Brasil

A Nutrição, como campo científico consolidado, surge no mundo no início do século XX, no entanto, sobre o caminho desta ciência até sua confirmação, há algumas divergências entre os estudos, como bem avaliou Vasconcelos (2001).

No Brasil, apesar de desde a segunda metade do século XIX, o conhecimento sobre alimentação no contexto da população brasileira já estivesse sendo apontado através de teses apresentadas às duas faculdades de medicina existentes até então no país, o estabelecimento da ciência da Nutrição aparece entre os anos de 1930 e 1940, como parte integrante do projeto de modernização da economia do país, conduzida pelo Estado Nacional Populista (VASCONCELOS, 2002). Duas vertentes do saber médico confluíram e contribuíram para a confirmação da Nutrição no Brasil, a saber: vertente de perspectiva biológica, voltada para as relações

clínicas/fisiológicas/biológicas do consumo dos alimentos, influenciada pelas escolas de dietética e nutrição norte americanas e de centros europeus, e a vertente social, preocupada essencialmente com aspectos que se relacionavam com a produção, a distribuição e ao consumo de alimentos pela população brasileira, vertente essa que foi influenciada pelo médico argentino Pedro Escudeiro, pioneiro da Nutrição na América Latina (VASCONCELOS, 2002).

No início do Século XX, especialmente entre os anos de 1910 à 1920, a discussão sobre eugenia estava em voga no Brasil e no mundo, sendo este o período de institucionalização e legitimação do movimento eugenista brasileiro, tema que foi um dos grandes responsáveis pelas pesquisas científicas da época (KOBAYASHI; FARIA; DA COSTA, 2009). Com a nutrição emergindo neste contexto histórico, seus enfoques e pesquisas não escaparam deste valor vigente, sendo notório que suas produções científicas, desde 1930, em sua maioria foram voltadas para descobertas da vertente biológica, sendo esta, a vertente mais predominante da nutrição no Brasil (VASCONCELOS, 1999).

Este fenômeno diz respeito à valores que acompanham a ciência, como pano de fundo de suas produções, de acordo com os valores de seus tempos e épocas (LACEY, 2006).

O enfoque em certas características dos alimentos traz em seu bojo um teor de procura de alimentos que sejam os redentores da saúde, teor este que serviu de discussão entre dois autores proeminentes do campo da Nutrição no Brasil, que são Josué de Castro e Nelson Chaves, que segundo a análise feita por Vasconcelos(2001), entraram em um embate sobre o uso da mucunã vermelha na alimentação do nordestino, como alternativa nutricional para driblar a fome em tempos de seca do nordeste brasileiro.

Este enfoque em nutrientes específicos contidos nos alimentos também foi utilizado pela Grande Industria Alimentícia, que lançou mão de pesquisas científicas para evidenciar/superestimar as qualidades nutricionais de seus produtos, à semelhança da estratégia utilizada pela Indústria Farmacêutica (ANGELL, 2010; WILLIAM; MARTIN; GABE, 2011).

Com o enaltecimento de certos nutrientes presentes nos alimentos, ou em alguns alimentos, e em outros não, o nutricionista vem despontando como o profissional que teria o poder técnico para juntar esses alimentos vistos como “certos” em uma mesma dieta, excluindo da mesma os alimentos vistos como “errados”. No entanto, como boa parte dessas características dos alimentos não podem ser provadas na prática por leigos, visto que estamos falando em quantidades de carboidratos, proteínas, lipídeos, vitaminas, etc., a classificação de “bom” ou “ruim” se torna completamente subjetiva para a população (SHAPIN, 2014), daí vem crescendo a utilização de termos como “mágica” e “milagrosa” associados à palavra “dieta”, como as analisadas por Costa (2014). O que também segundo Costa (2014) esclarece como a crença acontece, como as dietas da moda carregam uma atmosfera espirituosa, mágica, pois a sua qualidade não está ao alcance dos sentidos naturais da população, logo, para a mesma, se torna algo subjetivo.

Diante do exposto, este trabalho procurou propor a questão norteadora de que há, por parte de nutricionistas, uma linguagem em relação a dieta, referente à uma lógica religiosa, em que a dieta se apresenta como o processo de mortificação da carne para que se obtenha o corpo desejado e um estado subjetivo de plenitude (bem-estar), que se assemelha à redenção.

A proposta desta questão norteadora foi elaborada e desenvolvida da seguinte forma: através de ensaio teórico, utilizando autores que debatem os temas: antropologia da alimentação, sociologia da alimentação, história da alimentação, religião, sociologia da religião, epistemologia da nutrição como campo científico e ciências sociais em saúde. O mesmo foi dividido em 3 capítulos, sendo o primeiro capítulo introdutório à questão norteadora, no qual foi traçado de modo sucinto o caminho pelo qual a ciência da nutrição percorreu, demonstrando seu berço contextual juntamente com os interesses vigentes no Brasil. O capítulo 2 foi delineado de modo a destrinchar mais profundamente esse percurso científico da Nutrição, identificando fatores socioculturais que atribuíram sentido aos alimentos, e como que a ciência dietética foi conversando com esses sentidos ao longo da história, de modo a compreender as diferentes fases da ciência dietética e as diferentes formas de se relacionar com os alimentos que esta ciência foi propondo. O capítulo 3 é a imersão aprofundada na questão norteadora deste trabalho, começando pelo diálogo entre a

lógica de operação das religiões, e diferentes camadas da construção social, nas quais se percebe a mesma lógica operando. E esta lógica tem uma linguagem para ser expressa, linguagem está que se amolda de acordo com cada camada social, que, no entanto, carrega a mesma lógica religiosa operante. Até o ponto no qual foi percorrido sobre a utilização de uma linguagem da Nutrição, por parte de nutricionistas, que carrega esta lógica religiosa, na qual o nutricionista se dá como o sacerdote desta operação. E o fechamento do trabalho se dá com as considerações finais, abordando os principais pontos do estudo e apontando para o desenvolvimento de outros trabalhos nessa direção. Para tal empreendimento foram utilizadas obras produzidas entre os anos 1972 à 2017. Também foram utilizadas obras consideradas como clássicos da literatura brasileira e mundial.

CAPÍTULO 2 - CIÊNCIA INFLUENCIADORA OU INFLUENCIADA? A SUPREMACIA DA VERTENTE BIOLOGICISTA DA NUTRIÇÃO

Introdução ao capítulo

Neste capítulo buscou-se delinear o processo histórico de algumas concepções culturais sobre os alimentos, entendendo as significações por de trás da frágil materialidade da comida, imergindo no denso e sólido universo das subjetividades alimentares, subjetividades essas que sustentam e mantêm hábitos culturais independente de suas consequências biológicas, e também como os grupos dominantes lançam mão destes significados alimentares em seu próprio favor, afim de se diferenciarem da população dominada, fazendo da comida um meio de distinção de ordem moral. De igual modo, foi-se apresentado o processo histórico sobre os alimentos a partir da ótica da ciência dietética, perscrutando o “espírito” das recomendações cientificamente pautadas em cada época, buscando o discernimento acerca do motivo pelo qual as recomendações foram se alterando, ora se calando, ora levantando voz, de acordo com a necessidade que a cultura dominante exigia em cada momento histórico, de modo que este capítulo visa oferecer a possibilidade de traçar paralelos e perceber como ambas se entrelaçam, se fortificam e se validam.

Concepções sobre alimentação

Na experiência humana, os valores que fundamentam o sistema alimentar se definem como resultado e representação do exercício cultural que preveem a domesticação, a transformação e a reinterpretação da natureza. De modo que médicos e filósofos antigos, a começar por Hipócrates, viam o sistema alimentar como processo “artificial” e não “natural” das coisas, visto que este era fruto da cultura que o próprio homem constrói e administra (MONTANARI, 2013).

Sendo assim, o ato de se alimentar vem embrenhado de significados, emoções, distinções, etc., que vão se alterando de uma cultura para outra, ou ainda de tempos em tempos dentro de uma mesma cultura (LINARES; TRINDADE, 2011).

Na Idade Média, comer grandes volumes de alimento significava poder, riqueza, abundância, sobretudo comer carne, que trazia a concepção da caça, perseguir a caça, domina-la, abater. Sendo assim, um rei que tinha um comportamento voraz diante da carne durante suas refeições, era percebido pela população como um exímio guerreiro e caçador, forte o suficiente para proteger seu povo. E a ciência dietética da época endossava esta valorização da carne, identificando-a como a comida do homem por excelência, o alimento perfeito para o desenvolvimento com vigor e em corporeidade (MONTANARI, 2013). A glotonaria era o ápice do comportamento alimentar, por todo significado que aquele ato carregava, principalmente por estar sempre ligado à nobreza, afinal, em uma época de escassez, comer grandes quantidades era um ato extremamente elitista. No entanto, no decorrer do século XIX, e também século XX, diante da progressiva “democratização” do consumo, como denominou Montanari (2013), democratização esta que foi imposta pela lógica industrial da produção de comida, outras classes, que não apenas a dominante, teve acesso à comida em abundância, e este movimento fez com que a classe dominante se mexesse para modificar seu comportamento alimentar, para se diferenciar novamente, aliás, os prazeres que deixam de ser exclusivos, perdem o seu fascínio. Então os poderosos elaboraram outras formas de distinção, como por exemplo comer pouco, comer especialmente vegetais, se comportar à mesa, etc. (MONTANARI, 2013). Seguindo este modo de suceder, os modelos de distinção social, mais precisamente o modelo alimentar e estético da magreza, teve sua propagação na Europa na primeira metade dos Novecentos, e isto foi acompanhado de discursos relacionados à saúde, estes servindo de endosso e enriquecimento conceitual destas práticas de distinção, da mesma maneira que a ciência dietética, como já foi dito, havia endossado a concepção da carne como o alimento do homem por excelência nos tratados médicos dos tempos medievais, alimento este que servia de distinção entre nobreza e camponeses. O cenário volta a se modificar após a experiência devastadora das Guerras Mundiais, quando o fantasma da fome volta a rondar na Europa, e os sistemas alimentares e estéticos voltam a ser o que eram: nos anos de 1950, as figuras femininas que tinham proeminência nas revistas e cartazes de propagandas eram marcadas pela corporeidade considerada por Montanari(2013) viçosa e “cheia”, pois na ausência de alimentos, tê-los, e em excesso era sinal de vitória, aí se estabelecia um novo padrão estético alimentar que na verdade não era

novo, mas sim um retorno a um padrão que já fora estabelecido em épocas passadas. Somente no começo dos anos de 1970 e 1980 que a supremacia do corpo magro volta à tona, não que a ciência dietética houvesse influenciado tal mudança, mas sim porque o fantasma da fome já não se fazia presente, e o medo do excesso superou o medo da falta (MONTANARI, 2013). A comida ao longo do tempo, ofereceu modos de distinção social, mas não apenas relacionado à distinção econômica, mas também moral (MATOS; ZOBOLI; MEZZARROBA, 2012). No século XVIII por exemplo, na Europa, quando a burguesia apresentava uma visão depreciada da aristocracia, o café foi relacionado como “bebida burguesa”, pois teoricamente mantinha a mente atenta, em alerta para trabalhar e produzir, enquanto o chocolate era relacionado à nobreza, por ser uma bebida considerada suave e supérflua, uma visão claramente ideológica que utilizava a alimentação para corroborar e dar suporte para um valor já presente na cultura (MONTANARI, 2013).

Shapin(2014) alude a esta forma de tratar a alimentação quando diz que os Ingleses se consideravam um povo forte, guerreiro, pelo fato de comerem bastante carne. Essa atribuição de valor moral a certos alimentos também é evidenciado por Thompson(1998), que observou que a batata era vista pelos ingleses associada aos imigrantes irlandeses, e mesmo que se exaltasse as qualidades nutricionais da batata, a substituição do pão pela batata era encarada pelos ingleses como forma de “reduzir” o povo inglês à proporção dos, depreciados, irlandeses. Essas diferenciações de ordem moral, também tem seus desdobramentos no âmbito religioso, das rupturas sociais, que evidenciavam uma reprovação à cultura vigente, como é o caso dos monges. Sendo a gula, identificada na cultura cristã como um pecado capital, e sendo boa parte dos monges oriundos deste ambiente aristocrático, a não alimentação da carne, isto é, do corpo, era vista como forma de mortificação do pecado, além de uma ruptura com a cultura vigente pecaminosa e mundana, e deixando de alimentar a carne(corpo), onde habitaria o pecado, surgiria uma maior santidade, prática esta conhecida como jejum (ROSSI, 2012).

Processo Histórico da Dietética

No decorrer do tempo, conjuntamente com as visões sobre a alimentação e os valores embutidos nela, a dietética também foi se modificando. Na medicina galênica por exemplo, os alimentos eram classificados da seguinte maneira: quente/frio, seco/úmido, que eram correspondentes aos 4 humores que formavam o corpo humano, humores estes que são: sangue (quente e úmido), bile amarela ou cólera (quente e seca), fleuma (fria e úmida), bile negra ou melancolia (fria e seca), que por sua vez, pelo grau de prevalência no organismo, definiam o temperamento das pessoas: sanguíneo, colérico, fleumático e melancólico (SHAPIN, 2014). Neste contexto, como bem disse Shapin(2014), a alimentação era vista de maneira qualitativamente testável por qualquer pessoa, no sentido de sua qualidade ser sensorial (quente/fria, seca/úmida), isto é, qualquer pessoa, tendo os sentidos em perfeito estado, poderia distinguir as características dos alimentos que impactariam sua saúde. Ele também constata que a alimentação era utilizada para equilibrar a descompensação dos humores, como por exemplo, alguém muito colérico, deveria evitar alimentos quentes e secos, preferindo os frios e úmidos. Mas também, com conceitos bem parecidos com o da medicina galênica, houve a forma de entender o alimento fazendo uma analogia sobre o alimento em si e os seus efeitos no ser humano. Como por exemplo, se alimentar de carne de boi poderia te deixar forte, mas também “cabeça dura”, tanto quanto se alimentar apenas de vegetais poderia te fazer uma pessoa fraca (SHAPIN, 2014), como se as características da sua alimentação fossem assimiladas à sua própria pessoa, percepção que tem/da total amparo no ditado "você é o que você come".

As mudanças mais drásticas de percepção sobre a alimentação começam com as descobertas de Lavoisier sobre calorimetria no século XVIII, em conjunto com as descobertas sobre os nutrientes que daí decorreram (DE VASCONCELOS, 2010). No âmbito destas descobertas a visão da alimentação foi se transformando em uma visão cada vez menos popularmente testável, deixando de ser algo quente ou frio, seco ou úmido, para irem se tornando calóricos ou não calóricos, com muitas vitaminas ou sem vitaminas, o que dependeria de técnicas mais avançadas para se comprovar o teor que haveria destes nutrientes em cada alimento (SHAPIN, 2014).

Shapin(2014) chega a dizer que os alimentos deixaram de serem vistos como alimentos com qualidades testáveis para todos, e começaram a serem vistos como um amontoado de substâncias químicas (*bag chemical*), para os quais necessita-se de que algum técnico diga se ele é bom ou ruim. A visão de que cada um, conhecendo-se, poderia ser seu próprio medico, vai perdendo força, a ponto de precisarem completamente de técnicos que digam acerca da qualidade dos alimentos. Com o papel de ser a responsável técnica para fazer tais afirmações sobre os alimentos, a Nutrição como campo científico mais consolidado, surge no início do século XX, executando o papel de ser um dos, talvez considerado o mais legítimo por causa de sua cientificidade, transferidores de significados para os alimentos (LINARES; TRINDADE, 2011).

É possível dizer que as condições históricas para a constituição deste campo científico, fruto de um longo percurso na história da humanidade, foram estimuladas a partir da revolução industrial europeia, ocorrida no século XVIII, que se desdobrou entre 1914 e 1918, no período da Primeira Guerra Mundial. Desse modo, podemos perceber que o desenvolvimento e consolidação desta ciência que traz em seu bojo uma certa legitimação científica sobre os alimentos se deu no período entre as duas Guerras Mundiais, tanto em países da Europa (Inglaterra, França, Itália, Alemanha, Dinamarca, entre outros), como da América do Norte (Estados Unidos e Canadá) e, de modo subsequente, da América Latina (Argentina e Brasil), onde foram criados os primeiros centros de estudos e pesquisas, os primeiros cursos para formação de profissionais especialistas em Nutrição (VASCONSCÉLOS, 2002).

Especificamente no Brasil, podemos dizer que a Nutrição, este campo científico transferidor de significados para a alimentação, sofreu grande influência de duas vertentes do saber médico, parte vindo da América do Norte e centro europeu, e parte vindo da América Latina, mais precisamente, da Argentina. A vertente de origem norte americana e europeia, também chamada de biológica, teve como maior centro de enfoque, ou seja, modo de olhar a alimentação, a ótica da bioquímica/fisiologia, trazendo luz sobre processos clínicos relacionados à alimentação. Entre os médicos integrantes desta perspectiva biológica da Nutrição, a qual era voltada para o individual, o doente, a clínica, a fisiologia e o laboratório, podem ser citados: Franklin de Moura Campos, Paulo Santos, Dutra de Oliveira, Hélio Lourenço de Oliveira, Silva

Mello, Olavo Rocha, Alexandre Moscoso, Salvio de Souza Mendonça e Salgado Filho. Esse seguimento da área da nutrição deu origem, a partir de 1940, à Nutrição clínica (dietoterapia), um dos pilares da profissão, que traz em seu modo de propor o alimento, o próprio como agente de tratamento. Desta vertente também se originou as pesquisas laboratoriais de caráter experimental da Nutrição, também chamada de Nutrição Básica Experimental (COSTA,1999; VASCONSCELOS, 2002)

Por outro lado, concomitantemente, houve outro campo de desenvolvimento da Nutrição no Brasil, a chamada vertente social, que trazia como enfoque questões relacionadas à produção, distribuição, acesso e consumo dos alimentos. Entre os médicos integrantes da perspectiva social da Nutrição, que tinham sua atuação voltada para o coletivo, podem ser citados: Josué de Castro, Heitor Annes Dias, Dante Costa, Thales de Azevedo, Peregrino Júnior, Seabra Velloso e Silva Telles (VASCONSCELOS, 2002). Assim, por exemplo, em 1932, Josué de Castro realizou a pesquisa chamada As Condições de Vida das Classes Operárias no Recife, que foi uma investigação com base no orçamento e padrão de consumo alimentar entre quinhentas famílias de três bairros operários de Recife. Este foi considerado o primeiro inquérito dietético-nutricional do Brasil, e o mesmo teve ampla divulgação nacional, o que acarretou em produções de estudos semelhantes, inclusive o que serviu de base para a regulamentação da lei do salário mínimo e da formulação da chamada ração essencial mínima, estabelecida por intermédio do Decreto-Lei no 399, de 30 de abril de 1938 (VASCONCELOS, 2002). Josué de Castro foi uma figura muito importante para o campo da Nutrição no Brasil, de modo a conseguir expor uma desnaturalização da fome endêmica no Brasil, tão importante para o avanço de meios de combate à fome.

A partir da década de 1940, esta vertente da Nutrição que ficou evidenciada pela representação de Josué de Castro, a saber vertente social, possibilitou a origem ao campo de Alimentação Coletiva, uma especialização matriz da Nutrição no Brasil, voltada para a administração da racionalização de alimentos, o que nos anos de 1950 à 1960, originou outra especialização no campo da Nutrição no Brasil, a Nutrição em Saúde Pública. O início da Nutrição no Brasil (1939-1949) foi marcada de fato pela emergência da profissão, com a criação dos cursos de dietistas que foram sendo instituídos no país, e neste momento, o que havia era uma formação profissional

técnica que visava um profissional tanto com aptidões clínicas/dietoterápicas, quanto social/alimentação coletiva, tendo no seio profissional da Nutrição no Brasil essa bifurcação de especializações, vislumbrando desde o seu nascedouro essa dualidade profissional que se por um lado trouxe olhares cada vez mais clínicos e bioquímicos em relação aos alimentos, como mostra as produções científicas dos Arquivos brasileiros de Nutrição(VASCONSCELOS, 1999), por outro lado, pela vertente social, se fez presente na esfera pública influenciando a criação do salário mínimo assim também como a criação dos Serviços de Alimentação da Previdência Social (SAPS), tendo assim, dentro da profissão neste período inicial, percepções, ou melhor, modos de aplicação da técnica relacionada à Nutrição, diferentes.

Após a Segunda Guerra Mundial, em meio à Guerra Fria, a Nutrição ganha espaço dentro de órgãos internacionais, que foram criados para amenizar as tensões desta nova ordem social que se estabelecia. Deste modo, é possível identificar que a emergência do campo da Nutrição em Saúde Pública, em contexto internacional, se deu justamente no interior de agências especializadas da Organização das Nações Unidas (ONU), como o United Nations International Children's Emergency Fund (UNICEF), a Food and Agriculture Organization (FAO), a Organização Mundial de Saúde (OMS) e a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS)(VASCONSCELOS, 2002), exemplo de como a discussão sobre alimentação também foi utilizada como amenização de tensões internacionais. Tendo noção deste cenário mundial, por volta dos anos Cinquenta, as discussões sobre tornar a Nutrição no Brasil, um curso de nível universitário, ganhou força e a partir de então, o processo de formação do nutricionista no Brasil, centrado nas duas características da prática profissional, que são: elaboração e orientação dietética dentro dos serviços de atenção à saúde e administração de serviços de alimentação de trabalhadores vinculados à previdência social, começou a sofrer algumas modificações. Na década de 60 tem-se a validação dos cursos de Nutrição no Brasil como nível universitário, e no final desta mesma década tem-se a regulamentação da profissão (VASCONSCELOS, 2002; VASCONSCELOS, 2007).

Diante de todo esse caminho que a Nutrição toma no Brasil, mesmo tendo duas vertentes fortes em sua gênese, a vertente que tem maior proeminência é a vertente biológica, que trata mais das questões bioquímicas/fisiológicas dos alimentos em

detrimento das questões sociais que a envolvem, e como exemplo disso podemos lançar mão das produções científicas encontradas na primeira revista científica de Nutrição do Brasil, chamada Arquivos Brasileiros de Nutrição, cujo período de 1944 à 1968 contou com 209 artigos científicos publicados, dos quais 64% eram da vertente biológica, e apenas 36% da vertente social, e entre os 10 autores com maior número de publicações nos Arquivos brasileiros de Nutrição encontram-se 101 artigos de vertente biológica e 47 artigos de vertente social(VASCONSCÉLOS, 1999).

No entanto, embora tenha sido sobremodo predominante a vertente biológica da nutrição sobre a vertente social, esta não se fez isenta de valores culturais. Como por exemplo, já foi dito acima que por meio de bases biológicas/fisiológicas sobre saúde, a dietética endossou as mudanças de comportamento cultural alimentar e estético do início dos anos noventa na Europa, assim também como serviu de fortificação da cultura alimentar que tinha a carne como o alimento perfeito na Idade Média, de igual modo, quando o padrão cultural era a abundância, a dietética fazia recomendações sobre a variedade de alimentos, e sobre o equilíbrio e bem estar que teria o organismo se houvesse uma alimentação contendo toda essa diversidade, tanto quanto endossou os perigos do excesso quando o padrão alimentar e estético eram os do comer pouco e da magreza (MONTANARI, 2013; SHAPIN, 2014).

Tendo visto como a ciência dietética vem se relacionando com a cultura, retomaremos o rumo dos sistemas de significados que operam por trás da alimentação, sabendo que tais operam na ciência, através da ciência e a despeito da ciência.

CAPÍTULO 3 - LÓGICA PRÓPRIA DA RELIGIÃO COMO LINGUAGEM DA NUTRIÇÃO

Introdução ao capítulo

Neste capítulo foi abordado o tema principal deste trabalho, que se inicia por dizer acerca da estrutura, forma de operação, tipo de mecânica desta lógica proposta como sendo própria da religião. Passando por autores renomados no campo das ciências da religião, assim como grandes clássicos da literatura nacional e internacional, buscou-se primariamente descrever e exemplificar está lógica proposta em plena atuação, ou seja, como esta lógica atuaria na prática, descrevendo suas pressuposições e conceitos para que seja aplicada, assim como percebendo sua linguagem de atuação dentro de um relacionamento com um divino. Percebidas e demarcadas tais pontuações, buscou-se demonstrar que, apesar de própria da religião, esta lógica atuava em outros segmentos da construção social, segmentos estes que muitas vezes não levavam em consideração a concepção de um ser divino para o qual a lógica deveria ser aplicada, mas não obstante isto, aplicava a lógica em outras situações nas quais não necessariamente havia uma divindade, nas quais há a necessidade de adaptação da linguagem, no entanto a lógica permanece a mesma. De modo que foi exemplificado como esta lógica cai muito bem em ideologias.

Também foi demonstrado como que esta lógica pode estar presente no relacionamento dos seres humanos com os alimentos, levando a um comportamento diante da comida de obrigações, recompensas e castigos. E sendo o nutricionista o profissional cientificamente validado para fazer afirmações sobre os alimentos, este profissional apresenta papel fundamental nesta lógica relacional com a comida que se mostra embrenhada de religiosidade, papel este que lhe confere a posição de manipulador do suposto poder dos super-alimentos, o intermediador entre os alimentos salvíficos e os seres humanos, o conhecedor da lista de “pode/não pode” alimentar, enfim, um papel bem parecido com o sacerdócio religioso.

Atribuições, Recompensas e Castigos: A Lógica Religiosa e suas Linguagens

Para se tratar sobre uma linguagem religiosa, não se pretende antes definir com precisão o conceito de religião, em visto a tamanha complexidade de tal empreendimento, pois como dito por Derrida(2000) a religião se trata de um conceito que ao mesmo tempo que é muito claro, ou seja, ao se dizer a palavra “religião”

qualquer pessoa sabe do que se trata, também se trata de um dos termos mais obscuros, tendo em vista todos os problemas que conceitua-lo oferece. Como por exemplo, a linha tênue que há entre a definição de religião, feitiçaria, magia, etc., levando em consideração que boa parte dos teóricos da religião são europeus, e que caracterizaram o que era ou não religião de acordo com a concepção europeia do que seria religião, ou seja, mesmo as nossas definições, são definições a partir de apenas um modo de enxergar a história. Portanto, traremos não uma tentativa de definição, mas um olhar fenomenológico, enfoque este que permite fazer aproximações entre diversos tipos de religiões, como por exemplo a constatação de que há oração no judaísmo, no cristianismo e no islamismo, assim como há o conceito de sacrifício em cada uma dessas religiões, tanto quanto o de jejum, e esta constatação não nos permite dizer que - embora há conceitos semelhantes – estes conceitos tem o mesmo significado em cada uma das religiões, mas sim que através dessas aproximações podemos chegar ao conceito de que há um Homem Religioso, e que cada religião tem seu modo de exercer estas características, e se relacionar com o sagrado (ELIADE, 2001).

E justamente a esse modo de relacionamento com o sagrado que deteremos nossa atenção, lançando mão das observações de Maduro(1983) quando diz que há uma relação de obrigações e recompensas entre o crente e o seres anteriores e superiores (personificados ou não, pluralizados ou unificados). Como exemplo deste modo de processar o relacionamento com o sagrado por meio de trocas, podemos lançar mão de literatura, cujas histórias buscam apresentar personagens que sejam representantes da mentalidade e comportamento presentes na população daquele tempo no qual a história se propõe narrar. Começando pela literatura hebraica, como por exemplo o *Livro de Jó*, contido na bíblia judaica, ou também no chamado velho testamento da bíblia cristã (A BÍBLIA, 2015). Os personagens tidos por amigos de Jó, aplicam esta lógica constantemente ao longo do livro, fazendo afirmações como as que dizem que o personagem Jó só poderia estar sendo castigado por Deus por alguma transgressão supostamente cometida por ele, pois segunda essa lógica necessariamente haveria um motivo para ele se encontrar naquela situação deplorável, e logo que mudasse o suposto comportamento transgressor, Deus o restituiria novamente. Para aproximar mais ainda a percepção desta lógica, trazendo a discussão para o Brasil e sua literatura, podemos analisar a poesia de Gregório de

Matos, na qual as transgressões são sentidas como culpa, ao mesmo tempo que amenizadas pelas ações corretas praticadas pelo autor, trazendo em si um relacionamento de barganha entre a divindade e os homens, ou seja, praticar boas ações amenizariam a culpa das próprias transgressões, característica comum do período Barroco, semelhante à lógica encontrada entre os discursos dos personagens do livro de Jó. Ainda na literatura brasileira, no livro *História de um sargento de milícias*, quando o pai do personagem principal se vê deixado por sua mulher, ele procura o que o livro chama de “feiticeiro”, que no entanto é um sacerdote de religião de matriz africana, para obter novamente o seu amor, e de modo semelhante, no clássico *Triste fim de Policarpo Quaresma*, há uma personagem que não consegue se casar, e após ser deixada pelo noivo, cai em uma tristeza profunda até que esta se torna uma doença de fato, momento no qual a levam ao médico, mas o médico não resolve o problema, daí eles a levam ao padre, que por sua vez também não resolve o problema, pelo que eles a levam a um sacerdote de uma religião de matriz africana. Podemos obter de todos esses exemplos que há uma estrutura de relacionamento com o sagrado que aplica ao divino o poder necessário para obter determinado objetivo, e que para ter a concessão deste poder se precisaria submeter à certos procedimentos, sejam eles relacionados à subjetividade que produz comportamentos, ou rituais.

Esta lógica, de atribuições e recompensas com sistemas de significados (em que muitas vezes essas atribuições estão ligadas à disciplina, abnegação do prazer, padrões de comportamento, para que se obtenha algum objetivo, descrita aqui como recompensa), ou rituais, embora esteja intitulada como “lógica religiosa”, também é percebida em outras camadas da construção social, que não apenas a religião.

Para verificarmos que uma lógica religiosa não é exclusiva das religiões, tomaremos como exemplo Benjamin(1972), que ao fazer críticas à obra de Weber(1920), fala acerca de uma lógica operante de cunho religioso, presente na ideologia capitalista. Para contextualizar, Max Weber(1920) havia proposto, entre outras coisas em sua obra, que a ética protestante, principalmente de vertente calvinista, por enfatizar a vida em sua totalidade como instrumento de glorificação à Deus, acabou por oferecer o estímulo necessário ao desenvolvimento do Capitalismo, por meio da total aplicação dos protestantes em desempenhar da melhor forma suas

funções cotidianas, e serem bem sucedidos em tudo que fazem, sobretudo nas atividades de cunho profissional.

Contrapondo Weber, Benjamin(1972) disse que o Capitalismo não desponta apenas sendo fortalecido pela religião protestante, mas antes, o Capitalismo se dá justamente como uma religião, visto que se propõe essencialmente à resolução de preocupações, aflições e inquietações que outrora eram propostas pelas religiões.

Benjamin(1972) destaca traços possíveis de identificação contidos na estrutura religiosa do Capitalismo, que são: O capitalismo como uma religião puramente cultural, sem dogmas e teologia, em que cultuar é o mesmo que se aplicar para que haja um aumento considerável de capital, uma ascensão social, se dedicar em girar a engrenagem do sistema na tentativa de alçar maiores condições, e o exercício deste culto ocorre de modo constante, sem interrupção, sem “dias normais”. Benjamin(1972) ainda diz que o culto Capitalista é um culto culpabilizador, sem expiação, e que a figura de Deus nessa religião é ocultada, e só pode ser invocada no ápice da culpabilização.

Em síntese, para Benjamin(1972) o capitalismo é uma religião meramente de culto, desprovida de dogma, e que no ocidente se desenvolveu como parasita do cristianismo, não apenas com base no calvinismo, mas também em todas as demais tendências cristãs ortodoxas. Ou seja, dentro da ideologia capitalista operacionalizaria uma lógica de atribuições e recompensas com sistemas de significados bem parecidos dos encontrados nas religiões.

Dentro do âmbito da alimentação também encontramos esta lógica operante, e para exemplificar, trazendo o debate mais para a contemporaneidade, vemos a abordagem sobre a anorexia, não como sendo relacionada ao já mencionado jejum, mas sim como exemplificação de uma camada ideológica por traz da relação com os alimentos, com um certo quê de mística. Segundo Rossi(2011), analisando-a não como patologia, mas sim a dinâmica que ocorre nesta patologia, Rossi(2011) diz que na medida em que os paciente que sofrem de anorexia vão se empenhando para o objetivo que desejam para seus corpos, o processo toma a dinâmica de um culto, em que ao invés de aparecer uma certa espiritualidade, esta é completamente extinta, ficando no fim apenas a importância com o corpo, puro corpo, um culto, mas carnal. O que nos

mostra como que a relação com a comida pode se estabelecer como uma relação de culto, mesmo que o mais carnal, mas repleta de subjetividades.

Rossi(2011) faz tais afirmações, baseados em relatos que o próprio autor encontrou em blogues chamados pró-Ana, isto é, blogues que encorajam pessoas a se tornarem anoréxicas, nos quais a anorexia é tratada como uma espécie de deusa, sendo chamada de deusa Ana, deusa esta com características controladoras, cujo seu desejo seria apenas o bem das “fiéis”. E nestes blogues as “fiéis” escrevem sobre suas “recaídas”, e como uma forma de encorajamento ao comportamento anoréxico, dizem que a “Ana não merece isso”(isto é, as “recaídas”, que seriam a volta a se alimentar), personificando a anorexia, e estabelecendo uma relação subjetiva de submissão. Embora esta seja uma patologia, na qual não é o objetivo deste trabalho retratar ou comparar, uma atitude bem menos radical, e não patológica, é encontrada entre a visão de alimentação presente no ocidente, como define Rossi(2011) dizendo que a civilização moderna está dominada por uma busca de “bem-estar”, que apresenta-se como uma culpa da qual seria preciso ser perdoada, e que só haveria libertação se fosse através da miséria(abnegação) e do sofrimento. Numa cultura em que para se saber sobre alimentação, necessita do aval de um profissional, sendo este o nutricionista, justamente o nutricionista, em sua prática clínica, sobretudo referente ao emagrecimento, vem aparecendo simbolicamente como o sacerdote deste processo. Processo este que endossa, como não é incomum acharmos na história, a produção cultural, que no caso da atualidade é a do corpo magro e malhado (MATTOS, 2007).

O papel dos Nutricionistas

De acordo com a Lei Nº 8.234, de 17 de setembro de 1991, é uma das atividades privativas do nutricionista a “assistência dietoterápica hospitalar, ambulatorial e a nível de consultórios de nutrição e dietética, prescrevendo, planejando, analisando, supervisionando e avaliando dietas para enfermos” (CFN, 2012). Sendo o nutricionista o único profissional da saúde com o aval da Justiça brasileira de prescrever dietas, esta classe se apresenta como autoridade em relação

à prescrição, autoridade esta que permitiu o desenvolvimento de diferentes formas de articular e abordar a dieta por parte desses profissionais. Uma dessas abordagens é a abordagem da dieta (entenda-se prescrição dietética) permeada pela linguagem religiosa, linguagem esta já citada neste trabalho. Esta lógica religiosa referente à dieta é a abordagem que trabalha a dieta como se ela fosse uma espécie de acesso a uma nova vida, não no sentido de uma potencial prevenção, controle ou até erradicação de enfermidades, mas sim tratando e propondo a dieta como a chave que faria o paciente passar de uma vida em que se come "somente" para manutenção fisiológica e significados afetivos e sociais, para uma vida onde a alimentação lhe traria um estado de plenificação pessoal e bem-estar inimagináveis, tonificação do corpo, lhe daria uma super saúde, conforme Camargo Jr.(2007), que se materializa no corpo controlado, corpo este que se apresenta como um instrumento por meio do qual se constrói identidade, e quanto mais controlado o mesmo for, mais moralmente significativa será a identidade do detentor deste corpo, e daí decorre a busca constante pela tríade beleza, juventude e saúde (MISKOLCI, 2006). Os indivíduos, dentro desta sistemática, são responsabilizados e culpabilizados caso não consigam importar em seus próprios corpos os valores representativos da beleza, juventude e saúde (MATTOS, 2007). E neste processo, o paciente é exposto a esse olhar proposto por nutricionistas que trata a dieta como redentora, redenção esta que requer uma certa negação do prazer em relação à comida, algo como uma mortificação dos prazeres da "carne", conceito presente em certas religiões, como também uma dose de rejeição ao modo de vida que não atribui à dieta essa qualidade purificadora, a saber: ver a dieta como redentora de uma vida antes entregue à liberdade alimentar (sem cálculo de gramas por refeição, sem cálculo de calorias por refeição, etc.), algo visto como uma vida desregrada, em contra partida, deve-se ter o olhar voltado para a própria dieta como uma via de disciplina, como uma constante luta entre a santidade e o pecado (conceituando como pecado, o tipo de alimentação que não se enquadra nos parâmetros da dieta redentora). O novo estilo de vida, estética corporal, e suposto alto grau de bem-estar que daí viria(redenção), é buscado por meio de instrumentos(dieta) que teriam o poder para tal transformação, e o nutricionista aparece justamente como o profissional que lança mão deste discurso, o que lhe coloca como supostamente manipulador deste poder.

Esta dinâmica se assemelha à dinâmica de ordem religiosa, podendo entender a religião de modo bem amplo segundo Berger(1985), sendo esta uma cosmoficação feita de maneira sagrada, entendendo sagrado como algo de qualidade e poder misterioso e temeroso(subjetivo), que é exterior ao homem mas no entanto se relaciona com ele, e este poder subjetivo pode ser assimilado à experiências, objetos, animais, homens ou a objetivações da cultura humana.

E o nutricionista vem sendo o sacerdote desta corpolatria, sendo “corpolatria” um culto ao corpo, no formato de uma “religião inversa”, ou seja, enquanto a religião católica, por exemplo, pregava aos seres humanos uma certa renúncia ao corpo e aos prazeres advindos dele para conquistar uma vida de caráter eterno, na corpolatria esta matéria corpórea, outrora praticamente excluída, ganha um novo status: A recompensa da renúncia e abnegação já não é mais eterna, mas sim contraditoriamente corpórea e terrena, carnal. Trata-se, portanto, de uma espécie de religião do culto ao corpo (MATOS; ZOBOLI; MEZZARROBA, 2012), que oferece milagres para a cura de qualquer mazela, e, como todo milagre, exige sacrifícios e penitências. Ela possui seus templos (consultórios clínicos, academias, salas de cirurgias, etc.), adeptos (os frequentadores desses “templos”) e dogmas (os mandamentos a serem seguidos) (CODO; SENNE, 2004), e o nutricionista tem grande influência na propagação destes “mandamentos”, aparecendo como um intérprete cientificamente autorizado destes “mandamentos”, bem similar à autoridade interpretativa que um rabino judeu tem da “Lei”. À semelhança de um exegeta e hermeneuta religioso, o nutricionista é aquele profissional que examina e produz conhecimentos científicos (exegese) ao mesmo tempo que os aplica na realidade de cada paciente (hermenêutica). Neste processo, o nutricionista vem desempenhando papel semelhante aos líderes religiosos, cujo tais tem autoridade para ler e interpretar as leis divinas na vida humana. Com uma estrutura bem parecida com a da religião, a lógica operante também se dá de modo semelhante, como já foi largamente descrito (deveres, responsabilidades, recompensas e punições), e o nutricionista transita no meio desta lógica viabilizando, legitimando, encorajando e propondo este papel redentor decorrente da assimilação de uma prescrição dietética na vida de uma pessoa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo semelhante, assim como há uma estrutura religiosa no capitalismo, como descreve Benjamin(1972), e que, segundo Lacey(2006), e também encontrado em Kuhn(1987), é presente na ciência um pano de fundo, valores ou lógica correndo por trás do exercício da mesma, não considerando todas as áreas de atuação do nutricionista, mas pensando apenas na área clínica, mais precisamente quando se trata de emagrecimento, o presente estudo visou propor a questão norteadora de que há um sistema de valor que perpassa por entre o discurso do profissional nutricionista para se referir à dieta, o qual chamamos de lógica religiosa, que também carrega uma linguagem religiosa, na qual a dieta funcionaria como uma ação de mortificação da carne, em busca de uma ação redentora do corpo e da alma, representada pela super saúde e bem-estar.

Há aspectos neste discurso que trata a negação do prazer da comida como algo admirável, um controle corporal relacionado à própria redenção, vendo o corpo não controlado como mundano, sem força de vontade, sem tenacidade moral, pecaminoso, o que endossa a gordofobia tão presente nestes dias. Do outro espectro desta fala, para se ver livre de toda essa carga, seria necessário abrir mão deste mundo descontrolado, para se provar e se comprovar como alguém que mudou de vida, que se mostrou capaz, com força de vontade, com tenacidade moral, redimido, algo bem semelhante à conversão religiosa. É um novo modo de vida que te faz superior, como afirma Rossi(2011), é uma ideia cultural sagrada, a qual quem toca ela e é por ela tocado, recebe uma espécie de promoção ontológica que se assemelha a uma transubstanciação. Deste modo, a prescrição dietética deixa de ser uma ação promotora de saúde, passando a ser uma ação de transformações ontológicas, transformações essas que se dão por meio de um relacionamento com o nutricionista e a comida operacionalizado por uma lógica religiosa de atribuições, recompensas e castigos, em que as recompensas e os castigos são recebidas no próprio corpo.

Nos detemos neste estudo, em apresentar a questão norteadora de que há uma lógica e linguagem religiosa por traz do discurso de nutricionistas em relação à

dieta, por meio de uma revisão teórico-conceitual, e pretendemos dar continuidade neste estudo, buscando modos práticos para a confirmação desta questão.

REFERENCIAS

- ALMEIDA, Manuel Antônio de. Memórias de um sargento de milícias. 2ª. ed. Barueri São Paulo: **Ciranda Cultural**, 2017.
- ANGELL, M. A verdade sobre os laboratórios farmacêuticos. Tradução de Waldéa Barcellos. 5º. ed. Rio de Janeiro: **Record**, 2010.
- BARRETO, Lima. Triste fim de Policarpo Quaresma. 2ª. ed. Barueri São Paulo: **Ciranda Cultural**, 2017.
- BENJAMIN, Walter. O capitalismo como religião. Org. Michael Löwy. Tradução Nélio Schneider. 1 ed. São Paulo: **Boitempo**, 2013.
- BERGER, Peter L. O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. Organização Luiz Roberto Benedetti; tradução José Carlos Barcellos J. - São Paulo: **Ed. Paulinas**, 1985.
- Bíblia Sagrada. Traduzida por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2ª ed. Barueri São Paulo: **Sociedade Bíblica do Brasil**, 2015.
- CAMARGO JUNIOR, K.R. As armadilhas da "concepção positiva de saúde. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, 2007.
- CODO, W. SENNE, W. A. O que é corpolatria? São Paulo: **Brasiliense**, 2004.
- CONSELHO FEDERAL DE NUTRIÇÃO (CFN). Lei n. 8234 de 17 de setembro de 1991. Brasília. 2012.
- COSTA, Campos Silva da Maria. Revisitando os estudos e eventos sobre a formação do nutricionista no Brasil. Campinas: **Rev. Nutr.**, 12(1): 5-19, jan./abr., 1999
- COSTA, M. F.; CARVALHO, M. C. V. S. ; PRADO, S. D. ; FERREIRA, F. R. . Dietas da moda: o feiticeiro, a magia e sua eficácia.. In: PRADO, S.D.; KRAEMER, F.B.; SEIXAS, C.M.; FREITAS, R. F.. (Org.). Alimentação e Consumo de Tecnologias: a multiplicidade nos contextos sociais.. 1ed.Curitiba: **CRV**, 2015, v. 4, p. 327-348
- DERRIDA, Jacques; VATTIMO, Gianni (Org.). A religião: o seminário de Capri. São Paulo: **Estação Liberdade**, 2000.
- ELIADE, M. O sagrado e o profano: a essência das religiões. São Paulo: **Martins Fontes**, 2001.

F.A.G., VASCONCELOS. Os Arquivos Brasileiros de Nutrição: uma revisão sobre produção científica em nutrição no Brasil (1944 a 1968). **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 15(2):303-316, abr-jun, 1999.

F.A.G., VASCONCELOS. O nutricionista no Brasil: uma análise histórica. **Rev. Nutr.**, Campinas, 15(2):127-138, maio/ago., 2002.

KOBAYASHI, Elisabete; FARIA, Lina; COSTA, Maria Conceição da. Eugenia e Fundação Rockefeller no Brasil: a saúde como proposta de regeneração nacional. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 22, p. 314-351, Dec. 2009.

KUHN, Thomas S. A estrutura das revoluções científicas. 2. ed. Tradução Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. São Paulo: **Perspectiva**. 1987.

LACEY, M. H. O princípio de precaução e autonomia da ciência. **scientiæ studia**, São Paulo, v. 4, n. 3, p. 373-92, 2006.

LINARES, Nicolás LLANO; TRINDADE, ENEUS. Processos de movimentos de significados simbólicos no consumo alimentar. **Pensamento & Realidade**, [S.l.], v. 26, n. 2, dez. 2011. ISSN 2237-4418. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/pensamentorealidade/article/view/7866>>. Acesso em: 14 jun. 2020.

MADURO, Otto. Religião e Luta de Classes. 2. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: **Vozes**, 1983.

MATOS, Keyte Santos, ZOBOLI, Fábio e MEZZARROBA, Cristiano. O Corpo Obeso: um corpo deficiente? Considerações a partir da mídia. Disponível em: http://www.labomidia.ufsc.br/index.php/aceso-aberto/publicacoes/publicacoes-2012/doc_details/21-o-corpo-obeso-um-corpo-deficiente?tmpl=component. Acessado em 12 de setembro de 2020.

MATTOS, R. da S. Sou gordo, sou anormal? **Arquivos em Movimento**, v.3, n.2, jul./dez. 2007.

MISKOLCI, R. Corpos elétricos: do assujeitamento à estética da existência. **Estudos Feministas**. Florianópolis, v.14, n.3, set./dez., p. 272-281. 2006.

MONTANARI, MASSIMO. Comida como cultura. São Paulo: **Editora Senac São Paulo**, 2008. pag. 15-129.

ROSSI, Paolo. Comer: necessidade, desejo, obsessão. Tradução de Ivan Esperança Rocha. São Paulo: **Editora da UNESP**, 2011, pag. 35-151.

SHAPIN, Steven. You are what you eat. **Historical Research**, vol. 87, no. 237. August 2014.

THOMPSON, E. P. Padrões e experiências. A formação da classe operária inglesa. 2. Ed., vol. II (“A maldição de Adão”). Rio de Janeiro: **Paz e Terra**, 1988.

VASCONCELOS, F. de A. G. de: Fome, eugenia e constituição do campo da nutrição em Pernambuco: uma análise de Gilberto Freyre, Josué de Castro e Nelson Chaves. **História, Ciências, Saúde** — Manguinhos, vol. VIII(2): 315-39, jul.-ago. 2001.

WILLIAMS, S. J.; MARTIN, P.; GABE, J. The pharmaceuticalisation of society? A framework for analysis. **Sociology of Health & Illness**, v.33, n.5, pag. 710-725, July 2011.